

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE042272

ESPETÁCULO não tem nada de elitismo. Diário do Povo, Campinas, 20 set.
1986.

Espetáculo não tem nada de elitismo

“É um espetáculo popular, nada ligado à aristocracia, ao elitismo. A linha político-cultural adotada por nós é a de distribuir esta riqueza para a comunidade, resgatando a sensibilidade e a emoção. Não há uma intenção de rivalizar com Berlim, Viena ou Paris. Nós estamos fazendo uma leitura terceiro-mundista, em Campinas voltada para o povo. A proposta beira o surrealismo. Na ópera, o pensamento é cantado e falado, alto. Trata-se de uma coisa meio mágica, lúdica”.

A afirmação é do maestro Benito Juarez, diretor artístico da montagem da ópera O Guarani, que reúne um elenco, basicamente na sua maioria de profissionais jovens. “Muitos adolescentes têm uma idéia distorcida de que este espetáculo seja careta”, lamenta Benito. “Mas acredito que com a leitura que está sendo feita, este preconceito se quebre”. Segundo o maestro, “as pessoas terão uma visão clara da história, ouvindo a música e vendo a gestualidade, que é a mais despojada, sem grandes lances laboratoriais”. E ressalta, que a emoção é manifestada pelo espaço proporcionando. “A leitura é linear no sentido da comunicação e feito por pessoas jovens”.

No coral participam cerca de 150 universitários que assumiram um compromisso sério. “Há uma mentalidade profissional no nível de exigência pelo compromisso com a qualidade do espetáculo”, diz Benito. Chega a ser extenuante pela disciplina que se exige e é realmente sobre humano o esforço necessário para dirigir 250 pessoas”.

Segundo Benito Juarez o que norteia todos os integrantes é o idealismo. “Fiz outras montagens grandiosas, mas ópera mesmo desde 74 que não faço e a carpintaria que envolve é numerosa”, ressalta o maestro. “Para nós está sendo um desafio preparar uma obra de qualidade a curto prazo”. É confiante que “as pessoas terão uma enorme e agradável surpresa”. Benito diz não se tratar de provincianismo, pois trata-se de uma conjunção de esforços e mais um patamar conseguido por todos”.

Emmerson Eckmann

Com larga experiência artística em óperas, Emmerson Eckmann é o diretor de cena, convidado pelo maestro da Orquestra Sinfônica de Campinas, Benito Juarez, para participar desta luta travada pelos 250 integrantes. Segundo Benito Eckmann “deu uma visão muito eloquente”. Cita ele que no final, há uma coisa apoteótica. “As condições materiais estão relacionadas com a situação em que vive o País, ou seja,

de muita economia”, diz Benito. Segundo Emmerson, o Teatro Castro Mendes é um local bom, mas se fosse maior, seria melhor. “Eu e o Benito discutimos muitos sobre o pessoal no palco”, diz Emmerson. “Vai ser simplificado no que se refere ao conteúdo do visual”.

Justifica o diretor de cena que a ópera passa-se em 1560. Nessa época não existia um castelo, por isso o cenário será um casarão de uma fazenda do estilo da época. Houve dificuldade em encontrar espuma, madeira e até isopor, mas felizmente, diz ele, que Alberto Camarero resolveu tudo. “O importante é realizar “algo com excelente qualidade artística condizente com a importância da obra”.

Emoção

Benito diz que fica numa posição privilegiada, onde vê tudo. E nos ensaios, houve momentos de muita emoção. “Confesso que chorei, acho que foi um lance de consciência coletiva, desta coisa que é a nossa história, dessa miscigenação, desse antropofagismo, pois lemos a ópera e assimilamos”, diz. “De repente eu me vi diante de 200 pessoas que faziam um gesto mágico, numa reverência ao Deus dos Almorés, muito bem bolado pelo Emmerson”. Outro momento forte é o assassinato do cacique e o ódio dos índios contra os invasores.

Ingressos

“Que não seja o preço do ingresso o impedimento para que as pessoas não assistam ao espetáculo”, disse o secretário Municipal de Cultura, Esportes e Turismo. Segundo ele, foi feita uma pesquisa e a decisão foi de cobrar Cz\$ 30,00. A estimativa do custo da ópera é de mil cruzados, mas “não se compara a outras produções”, segundo o secretário. “Mas uma vez é provado que é possível realizar um trabalho de excelente qualidade com poucos recursos”, afirma mostrando-se satisfeito com os esforços dispendidos pela sua Secretaria.

Para que o trabalho não se perca, a Secretaria está estudando a possibilidade de gravar em vídeo, para depois ser distribuído pelas TVs Educativas, escolas, universidades ou mesmo para entidades culturais interessadas. Lembra ele que nem todo estado dispõe para apresentar uma ópera como esta e não é fácil viajar com o elenco, portanto deverá haver um maior aproveitamento desta montagem, já que talvez seja difícil novamente outra montagem.

Esta iniciativa é a que melhor atende as expectativas da Comissão Nacional das Comemorações do Sesquicentário de Carlos Gomes, que trabalha sob a orientação do Ministro da Cultura Celso Furtado, do ex-ministro Aluísio Pimenta e do presidente da República José Sarney. E o que é mais importante, segundo Antonio Augusto Arantes Neto, “fundamentalmente com recursos locais da melhor qualidade”.